

Urias Couto Gonçalves

**A caravana “Chão Moiado”:
A música na construção da identidade**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais na área de Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Octávio Andrés Ramon Bonet.

Juiz de Fora
Instituto de Ciências Humanas da UFJF

2008

Lista de Siglas

AM	- Modulação em Amplitude
CD	- Disco Compacto
DEMLURB	- Departamento Municipal de Limpeza Urbana - da cidade de Juiz de Fora - MG.
FM	- Modulação em Frequência
LP	- <i>Long Player</i>
OMB	- Ordem dos Músicos do Brasil
SAMU	- Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

Sumário

<u>1. Introdução.....</u>	<u>5</u>
<u>1.1 Motivação.....</u>	<u>5</u>
<u>1.2 Atividades da Pesquisa.....</u>	<u>6</u>
<u>1.3 A música enquanto cultura.....</u>	<u>10</u>
<u>1.4 A música sertaneja.....</u>	<u>11</u>
<u>2. A caravana Chão Moiado e a festa.....</u>	<u>15</u>
<u>3. As entrevistas.....</u>	<u>25</u>
<u>4. Conclusões.....</u>	<u>43</u>
<u>5. Referências.....</u>	<u>48</u>
6	

1. Introdução

1.1 Motivação

Uma aproximação do pesquisador ao mundo musical e certa identificação pessoal com o estilo sertanejo influenciaram na escolha do objeto deste estudo: a música sertaneja. Este estudo tenta dar conta de caracterizar a construção da identidade contemporânea, numa sociedade globalizada e complexa, onde a troca de informações e o trânsito de idéias, pessoas e da arte se intensificou, e a identidade não pode mais ser fornecida como um todo coeso. Quais os artifícios e meios de que os atores sociais lançam mão para se apresentarem ao mundo? Este estudo busca levantar as motivações na busca de identificação pessoal a um grupo e a um estilo de vida, idéias e ideais desse grupo. Problematisa-se ainda como a história modifica as concepções culturais e como a performance é *locus* de atualização das estruturas culturais.

O estudo desenvolvido e aqui apresentado é fruto de um vínculo do pesquisador com a música sertaneja. Os primeiros acordes aprendidos ao violão acompanhavam as músicas sertanejas de sucesso da década de 1990. A participação em diversos shows de calouros e a oportunidade de estudar música e aprimorar os conhecimentos musicais integraram o agora pesquisador ao que se tornou seu campo de estudo.

A questão inicial que motivou a pesquisa foi o incômodo com as classificações dos gêneros musicais que davam um tom pejorativo ao estilo sertanejo. A maioria dos estudos existentes caracterizava a música sertaneja de fora, a partir da interpretação da indústria cultural, como uma música de massas. Esta pesquisa tentou captar a perspectiva dos fãs dessa música para encontrar o sentido que para eles ela carrega.

Este estudo problematisa a forma de reconfiguração da cultura na história; da atualização da identidade na performance musical.

1.2 Atividades da Pesquisa

Para os fins a que essa pesquisa se colocou foi desenvolvida uma etnografia da performance musical junto à “Caravana Chão Moiado”, organizada pelo radialista do programa sertanejo de uma rádio de Juiz de Fora, Zona da Mata de Minas Gerais, melhor descrita à frente.

A participação do pesquisador do contexto da performance permite o compartilhamento das sensações vividas pelo sujeito estudado. O momento em que ocorria a festa da caravana se mostrou privilegiado para a coleta de dados junto aos fãs e músicos integrantes do grupo, por ser o momento quando estão envolvidos com a performance. Nos programas na rádio, que ocorrem de segunda a sábado, puderam ser colhidas conversas entre o radialista e os ouvintes que participam ao vivo, e também com artistas convidados.

As entrevistas foram gravadas com um equipamento de MP3 para subsidiar as análises posteriores das respostas dos entrevistados e das questões levantadas pela entrevista. O universo de entrevistados compôs-se de artistas, do apresentador e de alguns dos fãs que acompanham a caravana. Foram abordadas questões referentes ao sentimento experimentado ao escutar a música, sertaneja ou não; o vínculo do entrevistado com a vida rural; as músicas e os artistas preferidos; sua participação na caravana; a existência de vínculos entre a música caipira e a música sertaneja moderna; entre outras questões.

A revisão bibliográfica fez-se necessária durante toda a pesquisa. O estudo desenvolvido demandou um aprofundamento da literatura sobre a historiografia da música sertaneja. Foi necessária uma problematização teórica acerca do tema da relação entre identidade e música; sobre os desafios e limites da etnografia; a teoria etnomusicológica e os teóricos da performance. Realizou-se uma revisão bibliográfica que levantou a história da música sertaneja e as interpretações sobre suas transformações, desde trabalhos que descrevem a vida do caipira do interior paulista e de suas festas até textos que tentam identificar os significados da música sertaneja atual para seus ouvintes. Além da bibliografia antropológica sobre os temas da performance, tradição, modernidade, festa, abordaram-se trabalhos sobre identidade, através de autores como Mauss (1974), Dumont (1985), entre outros.

Para a pesquisa proposta, adotou-se a metodologia de exploração bibliográfica em fontes que abordem aspectos quanto à definição e a abordagem histórica da música sertaneja. Laville e Dione (1999) esclarecem que o pesquisador, ao revisar todos os trabalhos disponíveis, objetiva selecionar tudo que possa servir em sua pesquisa.

Nela tenta encontrar essencialmente os saberes e as pesquisas relacionadas com sua questão; deles se serve para alimentar seus conhecimentos, afinar suas perspectivas teóricas, precisar e objetivar seu aparelho conceitual. Aproveita para tornar ainda mais conscientes e articuladas suas intenções e, desse modo, vendo como outros procederam em suas pesquisas, vislumbrar sua própria maneira de fazê-lo (LAVILLE e DIONE, 1999, p. 112).

Para atingir os objetivos propostos serviu-se como instrumento indispensável a aplicação da técnica da observação participante num trabalho de campo. Em campo, o pesquisador teve oportunidade de acompanhar o grupo, assistir às apresentações e aplicar entrevistas com cantores e fãs. A espera pela saída dos ônibus em frente à rádio nas manhãs de domingo também se mostrou um espaço privilegiado para captar as conversas dos fãs sobre suas expectativas; já no local da festa, durante o horário do almoço, pôde-se interagir com o maior número de pessoas da caravana. As participações nos programas, ao vivo (pelo telefone), quando os ouvintes expressavam suas expectativas para a próxima festa e durante o programa da rádio do dia seguinte, com a coleta das impressões dos participantes sobre a festa anterior, como ocorre habitualmente.

O trabalho permitiu observar como os valores, crenças e atitudes distintivas do grupo são atualizados durante a festa e que valores são estes; como a identidade se reconfigura na performance. Observamos que os repertórios de música sertaneja das duplas se transformam, recebendo influências de diferentes estilos, testados pelos músicos e aceitos ou não pela platéia que participa, com seus aplausos ou pela dança, da performance. A pesquisa investigou a questão das influências que o estilo sertanejo absorveu e como isso refletiu na formação da identidade dos integrantes do grupo. Os dados questionam uma imposição do estilo sertanejo “de cima” pela, “indústria do disco”, do modo como apontaram alguns críticos. O estudo procurou levantar como a

sociedade recebe e interfere no que lhe é oferecido.

Estuda-se a música como cultura posto que aqui ela é entendida como uma ordenação cultural do barulho e dos ruídos, encontrados puros na natureza. O trabalho de organização das vibrações sonoras é realizado e atualizado na história de cada povo. A música enquanto arte é uma domesticação do tempo e do som, implicando síntese e ordem ao caos.

Este estudo pretende levantar o modo como a Caravana “Chão Moiado” oferece uma ordenação e um sentido para a vida, não encontrados na cidade, através principalmente de uma referência à vida no campo e exaltação de seus valores, encontrados na música sertaneja, mesmo depois de toda transformação por que essa passou. A oposição entre o urbano e o rural ajuda a entender a absorção da transformação urbana através da utilização dos conceitos anteriores para compreender as novas experiências.

A pesquisa de campo foi desenvolvida junto à “Caravana Chão Moiado”, acompanhada desde o segundo semestre de 2006 em várias de suas apresentações. Como já descrito anteriormente, trata-se de um grupo de cantores e fãs, organizado por Gil Carlos. No início da pesquisa ele era radialista de uma rádio FM da cidade de Juiz de Fora, aonde apresentava o programa sertanejo (no ar das 4h às 7h da manhã, de segunda a sábado, e ainda no horário entre 20 e 24 horas, no sábado). Segundo ele, devido a questões políticas, ele saiu da emissora e voltou a outra onde já havia trabalhado anteriormente, uma estação AM. Nesta última trabalha com programas todas as noites, de segunda a sábado, das 20 horas à meia noite.

O pesquisador acompanhou a caravana nas festas em que o grupo se encontra. Além das duplas, que se apresentam na festa, os ouvintes do programa acompanham a Caravana. Os interessados compram suas passagens e saem em excursão, nos domingos em que há apresentação, em ônibus fretados pelo radialista, para participarem das apresentações.

O estudo desenvolvido focalizou as configurações da identidade na sociedade contemporânea a partir da observação de uma performance musical. A pesquisa se debruçou sobre a música enquanto forma de expressão dos sentimentos, de valores e de crenças, que formam e constroem a identidade individual a partir da experiência

histórico-social. Mais do que expressão desses valores, a performance musical é momento privilegiado de atualização desses valores culturais de grupos. A festa é o lugar da performance musical é um ritual de experimentação do mito, lócus de sua vivência e celebração, num processo de construção de conceitos e categorias de apreensão e ordenamento do caos da realidade, a consolidação de um ordenamento para a vida. O objetivo inicial dessa pesquisa foi a observação do papel da música sertaneja na construção de uma identidade rural no meio urbano a partir do acompanhamento da “Caravana Chão Moiado”. Propõe-se aqui uma análise das formas de construção e atualização da Identidade através da performance musical.

A inserção do pesquisador no contexto em que a música é executada permite uma interpretação mais profunda da cultura estudada. O trabalho de campo através da participação do pesquisador na caravana permite perceber a relevância da festa para os participantes como momento de reafirmação dos valores idealizados específicos da vida rural e do homem do campo. Esses valores entram em choque com os valores urbanos, por isso são adaptados à nova realidade da vida na cidade, uma vida com múltiplos sentidos frouxos e relações sociais tendentes à anomia, uma “cultura espúria”, definiria Sapir (SAPIR, 1970).

O apresentador destacou em sua entrevista o fato de a Caravana ser uma oportunidade de aproximar os fãs da música sertaneja da zona rural, da roça, da rotina do trabalhador rural. Tem jovens, salienta, que freqüentam sítios, mas não conhecem o dia a dia do homem do campo, do homem da roça, de um retireiro que levanta três ou quatro horas da manhã para começar a lida no campo. A festa é oportunidade também para conhecer uma cidade pequena, já que a maioria dos fãs nunca morou na roça. A maioria dos integrantes da caravana mora na zona urbana e somente passa fins de semana em sítios, granjas ou cachoeiras. Sua origem seria na roça como afirmam nas entrevistas. Remetem à época de dificuldades que seus pais viveram na zona rural, ou à sua infância. Mesmo quando fugiam em êxodo para a cidade, a vida continuava a passar por privações e grandes dificuldades, mas o ethos rural permanecia e mantinha a coesão e os valores trazidos consigo. A música caipira das primeiras gravações serviria para o novo habitante do subúrbio das grandes cidades, recém chegado do campo, construir sua nova identidade e ordenar a nova realidade.

1.3 A música enquanto cultura

A cultura sofre constante reconfiguração de seus significados e sentidos no cotidiano, no presente, no embate entre culturas locais com alteridades trazidas “de fora” pelo crescente processo de globalização, como defende Sahlins (1990), em *Ilhas de História*. As transformações sofridas pela música sertaneja expressam esta constante reconfiguração cultural, pois a música carrega significados culturais, questionados ou reafirmados na performance. As festas onde se reúne a Caravana são espaço privilegiado de atualização das tradições. Pinto (2001, p. 229) destaca a performance musical como principal agente de persistência e, simultaneamente, de alteração de tradições.

A música como meio de comunicação contribui também para a construção social da realidade, defende Josep Martí. Em sua pesquisa sobre música e gênero, (MARTÍ, 2001) estuda os processos da criação de categorias sociais a partir das quais entendemos nossa realidade que tem função de regular as relações entre indivíduos. Defende que música é comunicação e enquanto sistema simbólico “é um meio através do qual conhecemos as coisas (...) e construímos nossa realidade social” (MARTÍ, 2001, p. 31). O estudo da identidade é o estudo da diferenciação baseada no lugar distinto de nascimento, na distribuição desigual de riquezas ou na diferenciação sexual, escreve o autor.

A etnografia da performance musical marca a passagem da análise das estruturas sonoras à análise do processo musical e suas especificidades. A música é entendida como uma forma privilegiada de linguagem, que se insere:

Nas várias atividades sociais e os significados múltiplos que decorrem desta interação constituem importante plano de análise na Antropologia da Música. A relação entre som, imagem e movimento é enfocada de forma primordial neste tipo de pesquisa. Aqui a música não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos mas, em primeiro lugar, como uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural (PINTO, 2001, p. 227).

Segundo o mesmo autor, é possível diferenciar dois tipos de abordagem no trabalho de campo da pesquisa musical: a musicológica e a antropológica. Nesta última, a investigação de campo caracteriza-se pela postura do pesquisador, que veria a música inserida no seu contexto cultural, o estudo da música inserida num contexto amplo. Dá-se então importância ao todo, isto é, à música na cultura e à música enquanto cultura.

1.4 A música sertaneja

A música sertaneja atual é resultado da mistura dos mais variados elementos, absorvidos nas várias décadas de sua existência. Os integrantes da Caravana interpretam as transformações sofridas pelo gênero musical ao longo de sua história como sendo uma modernização dos ritmos e arranjos. “Era vergonhoso” gostar de música sertaneja há alguns anos, afirmou o apresentador em entrevista. Hoje este estilo alcança a classe média e os estudantes. “Eu sou essa evolução, meu ritmo é avançado e mais moderno”. No programa, o apresentador toca músicas “mais de raiz” para atingir as pessoas da terceira idade, pois busca atingir todas as faixas etárias, dando oportunidade para todos os estilos, para os modernos e os de raiz, destaca. As “músicas de raiz” teriam sido “modernizadas”, como o exemplo que canta, uma música regrava da pela dupla formada pelos irmãos Cristian e Ralf, com instrumentação moderna, numa releitura da música primeiramente gravada pela dupla de caipiras formada há décadas por Tião Carreiro e Pardinho. Cabe ressaltar que a busca de maior audiência é resultado de pressões pelo rendimento e lucratividade que pesam sobre os meios de comunicação de massa, provocando uma massificação do gosto. Mas a pesquisa focaliza nas respostas dessa “massa”, no seu espaço de ação como sujeito que carrega seus valores nas suas escolhas e os modifica historicamente.

A história da música sertaneja começa com a primeira gravação em 1929. Cornélio Pires montou um grupo que saía em caravana para o interior de São Paulo para vender os discos pelos quais ele teve de pagar depois que nenhuma gravadora encampou seu projeto. Ele apresentava duplas de caipiras que cantavam de maneira nasalada e imitavam o habitante do interior, da zona rural nos modos de vestir e falar. Nestas apresentações, patrocinadas por uma cervejaria para a qual fazia propagandas, vendeu os discos que produziu. Teve de ir ao interior, em caravana para provar o valor comercial das músicas que produzia. A partir do êxito comercial que obteve, as grandes

gravadoras se interessaram em gravar discos de música sertaneja, para atingir a crescente população suburbana, oriunda do intenso êxodo rural que resultava da crise do café.

A música sertaneja sempre passou por transformações. Em um levantamento histórico percebe-se que desde suas primeiras gravações na década de 1930 pela “Turma Caipira do Cornélio Pires” até as últimas gravações de duplas atuais, a música sertaneja guarda vínculos com a transformação da sociedade. Observa-se uma constante adaptação da música ao público, como afirmou em entrevista o cantor de uma dupla que integra a caravana. O formato do show das duplas, a escolha dos repertórios inclusive para a produção de CD's e o estilo das duplas são definidos na performance dos shows, onde os artistas podem captar a receptividade de suas músicas junto ao público, em suas manifestações, pelo volume dos aplausos, pela participação dos fãs cantando junto com a dupla ou dançando suas músicas, ou pela dispersão ou aglomeração desse público no espaço da festa. Seria a forma de atualização da tradição na performance.

A música sertaneja se adapta a seus novos públicos desde que foi gravada pela primeira vez. Seus próprios fãs e produtores reconhecem a mudança dessa música durante os anos e diferenciam a música romântica sertaneja atual de uma música raiz que se ligaria de modo mais forte à vida rural. Ambas possuiriam autenticidade, como mostra o estudo de Santos (2005), porém com uma gradação hierárquica. Santos acompanhou um grupo de Folia de Reis no norte de Minas Gerais. A folia de Reis representa a visita dos Reis magos ao recém nascido menino Jesus, e é uma manifestação religiosa popular que integra músicos cantores e tocadores de instrumentos populares. Entre seus membros, a pesquisadora encontrou integrantes de duplas de música caipira, cantores de duplas de música sertaneja romântica moderna atual e de grupos de forró tocando juntos no grupo de reis. Esses artistas reconheceriam o vínculo entre o estilo raiz e o estilo moderno. A maioria dos estudos de intelectuais e críticos sobre o tema geralmente defende que a música caipira e a música romântica sertaneja perderam todo e qualquer vínculo.

Percebe-se, entretanto, que os cantores da música sertaneja, romântica, moderna, buscam legitimar suas canções estabelecendo vínculos com a música antiga, montando um repertório e um espetáculo que se refere ao mundo rural. Há sempre adaptação, modernização como destaca o apresentador da caravana. A música do caipira

era autêntica, segundo a definição de Sapir (1970): “Cultura autêntica é aquela que dá aos seus portadores um senso de satisfação íntima, um sentimento de domínio espiritual”. O estudo da música enquanto arte tende a ser frutífero,

A arte, como a cultura, repousa essencialmente, no desenvolvimento harmonioso do senso de domínio que toda alma individual instintivamente busca, só pode isto significar que a arte, a forma de consciência em que a marca do self é a mais direta, menos tolhida pela necessidade exterior é de todos os outros empreendimentos do espírito humano o mais susceptível de refletir a cultura (SAPIR, 1970, p. 307).

A música sertaneja exalta nas letras de suas canções, de modo específico, o domínio e o amor do homem sobre a natureza; a cultura controlando a natureza, derrubando barreiras e imprimindo uma marca humana. É o estilo dos rodeios, onde o peão tenta superar o touro, animal símbolo de força.

Constatamos que, desde a primeira gravação para comercialização, na década de 1930, a música do caipira paulista teve de se adaptar à indústria do disco. Cândido (2001) descreveu o modo de vida do caipira paulista e podemos observar como as músicas cantadas por esse caipira compunham sua identidade de forma total, integravam suas atividades agrícolas e religiosas. Eram o que Sapir (1970) denominaria de “cultura autêntica”, em contraposição à “cultura espúria”. Mas Santos (2005), em sua dissertação de mestrado descreve a concepção dos artistas que não diferenciam uma música caipira autêntica contraposta à música sertaneja romântica não autêntica. Os foliões reconhecem os vínculos entre as músicas e as hierarquizam conforme um grau de *autenticidade* que a aproxima ou afasta da música caipira de raiz.

Cândido (2001) estudou as populações que habitavam o interior paulista antes do período de desenvolvimento industrial e urbano brasileiro. Estudou a vida do caipira paulista, seus hábitos, tradições e costumes. Dentre estes, descreveu suas festas e comemorações. Ali encontraríamos a semente da música sertaneja (atual, romântica e modernizada pela instrumentação eletrônica) e da formação da cultura específica de referência à cultura desse grupo que estudo. A música do caipira paulista era elemento de coesão social. Cantava-se em festas religiosas e em mutirões de colheita ou em festas. Os temas referiam-se ao seu cotidiano através de narrativas de histórias e

acontecimentos dramáticos que se referiam aos valores do grupo. Compunham o seu trabalho e a sua religiosidade.

A música gravada pela indústria do disco teve de reduzir a duração da música do caipira paulista para cerca de três minutos. As músicas rurais se tornavam longas e monótonas quando tocadas fora de seu contexto. Para apresentações em shows e nos programas de rádio a música sertaneja se adaptava desde então e refletia as transformações que a sociedade da época sofria e as novas informações que a sociedade globalizada trazia, inclusive no mundo musical. Ao longo das décadas podemos identificar várias fases da música sertaneja, representadas por novas duplas, com novos estilos, que recebiam influências diversas. Os ritmos e timbres paraguaios, mexicanos, norte-americanos, entre outros, influenciaram a produção da música sertaneja de cada tempo. Essas influências são absorvidas e transformam a música produzida que se adapta aos novos valores de uma sociedade que se urbanizou e se industrializou de forma dramática no último século e que é bombardeada de novas informações a cada momento.

Estudiosos como Caldas (1977) e Tinhorão (2001) estudaram as transformações por que passou esta música em diferentes épocas, desde as primeiras gravações de duplas por volta dos anos de 1930. Caldas analisou as transformações da música sertaneja destacadas na obra de Léo Canhoto e Robertinho, uma dupla sertaneja de grande sucesso nas décadas de 1970 e 1980 e observou o fenômeno que considerou a urbanização da arte. A absorção dos valores da cultura urbana expressava-se na atualização da linguagem feita por Léo Canhoto, o compositor das músicas da dupla, por influência das músicas da jovem guarda e pelos filmes de faroeste norte-americanos. Léo Canhoto e Robertinho seriam exemplos das novidades criadas pela indústria do disco. Foram criticados pelos defensores do “autêntico gênero musical do caipira paulista” (CALDAS, 1977, p. 9).

Na sociedade moderna a música sertaneja teria uma “função alienante”, segundo Caldas enquanto a música caipira evitava a desagregação social do caipira paulista através das manifestações lúdicas, profissionais e religiosas. A Caravana estudada nessa pesquisa reinventa os vínculos desse habitante da cidade com o mundo rural. As festas acontecem na maioria das vezes em festas rurais, de pequenos municípios que muitas vezes só possuem acesso por estradas de chão. É o “programa de

índio”, definiu certa vez uma integrante da caravana ainda no ônibus, durante a viagem de ida para uma cidade pequena onde a caravana se apresentaria, enquanto passávamos por uma estrada de terra e respirávamos muita poeira.

Alguns elementos da música do caipira permanecem nas músicas atuais, como o uso de instrumentos típicos entre os eletrônicos, o dueto em terças (que distingue até hoje este tipo de música no cenário nacional) e a eleição, por exemplo, da viola como símbolo desse estilo. Os próprios artistas da música romântica sertaneja buscam legitimação nas que chamam de “músicas de raiz”. Essas duplas gravam em seus repertórios modas de viola e músicas de duplas antigas, reconhecidas como representantes do gênero, que fizeram sucesso em décadas anteriores ao lado de gravações de versões de músicas românticas internacionais. Cabe aqui referência ao trabalho de Sahlins (1990), quando descreve a forma de assimilação de valores diferentes por uma cultura dominada, quando descreve as relações estabelecidas entre os nativos havaianos e a tripulação comandada por James Cook. Na situação estudada pelo autor, o contato entre alteridades diferentes gerou como resultado uma alteração em ambas as estruturas, provocando rupturas e rearranjos. A Indústria Cultural, não pode impor algo estranho ao consumidor. Antes massifica a cultura que emerge dessa massa. E a performance musical é o lócus privilegiado de atualização da tradição e definição dos produtos oferecidos por essa indústria. É nas apresentações que o artista experimenta seu repertório e o modifica. O cantor de uma dupla integrante da Caravana destacou em entrevista sua preferência por músicas caipiras antigas e citou as músicas de Tônico e Tinoco, Tião Carreiro e Pardinho. Entretanto enfatizou que “*essas músicas não mexem com o público num show*”. Elas têm o seu espaço e são músicas para cantar em outros contextos, como em festas entre familiares e amigos, de pequena proporção.

2. A caravana Chão Moiado e a festa

O pesquisador seguiu a caravana em algumas apresentações. Segue a seguir a descrição de duas caravanas. Cabe um paralelo com as caravanas de Cornélio Pires. Ele foi o precursor no ano de 1930, quando fez uma turnê pelo interior de São Paulo para apresentar sua turma caipira e vender os discos que produziu e pelos quais teve de pagar por não conseguir nenhuma gravadora que assumisse seu projeto. Deu formato

fonográfico à música religiosa do caipira e divulgava a música em apresentações teatrais. Posteriormente a música sertaneja foi muito difundida pelos circos que viajavam pelo interior e atingiram o ápice em décadas anteriores.

A caravana de Gil Carlos leva os habitantes da cidade para o interior, para a cidade pequena, onde eles podem conhecer a rotina do homem do campo como afirma Gil Carlos. É a volta para a roça, que estabelece o distanciamento do centro urbano, passando muitas vezes pela estrada de terra e enfrentando a poeira, em viagens que chegavam a durar mais de hora.

No dia 09 de julho de 2006 a Caravana Chão Moiado seguiu ao distrito de Rosário de Minas, pertencente ao município de Juiz de Fora. Era o último dia do torneio leiteiro da localidade. Éramos cerca de 50 pessoas entre artistas e fãs dentro do único ônibus naquela ocasião. O grupo se compunha predominantemente de mulheres de terceira idade entre os fãs e de homens de cerca de 30 anos entre os cantores em sua maioria. Os participantes pagaram o valor de R\$ 5,00 reais pela passagem de ônibus, adquirida com antecedência.

Nesta ocasião um único ônibus foi suficiente para levar os fãs, os cantores e inclusive o apresentador, Gil Carlos, que geralmente utiliza seu carro para ir às apresentações. Alguns cantores também utilizam meio próprio para ir aos locais de das festas.

Entre os artistas estava o apresentador de um programa romântico que entra no ar nas madrugadas na rádio em que Gil Carlos trabalhava à época. Ele iria lançar o seu CD de música country, um dos estilos do gênero sertanejo atual. A maioria dos cantores e duplas utilizou *playback*, dispensando a presença de instrumentistas para as apresentações. Um baixo elétrico e um acordeon acompanham algumas músicas e algumas duplas levam seus violões e violas nesta ocasião.

Gil Carlos acompanhou a viagem no ônibus nesta ocasião. Cumprimentava e dava atenção a todos. Sorteou alguns brindes oferecidos por lojas e supermercados, entre eles uma cesta básica. Apresentava na época seu programa “Panorama Sertanejo” pela Rádio Panorama FM, de Segunda a Sábado de quatro às sete da manhã e das dezenove horas à meia noite no Sábado. As festas e o programa são aproveitados para apresentar cantores novatos da região, como Alex com quem conversei durante a

viagem de ida no ônibus.

Uma das sensações é o garoto Dener, de cerca de 10 anos, que canta na caravana. Maria Alegria e Aparecida do Poço Rico, que acompanhei no primeiro dia se mostraram encantadas com ele.

Os artistas não recebem cachê, mas também não pagam a viagem. Vendem seus CDs durante os shows e Gil Carlos toca suas músicas na Rádio.

A presença da religiosidade é marcante. Às dezoito horas, a dupla Santiago e Santarém canta uma versão da *Ave Maria*. Gil Carlos é evangélico e convive com a religiosidade do grupo. Na entrevista feita posteriormente destaca que respeita todo credo religioso, pois como enfatizou, a imagem de Nossa Senhora provoca a religiosidade dos católicos.

Um senhor cego acompanha o grupo a cerca de quatro viagens e vende canetas a um real cada. Gil Carlos o anuncia no palco. Outra atitude de mesmo tipo é a de Toquinho, um caminhoneiro aposentado que canta composições suas com temas ligados a sua antiga profissão. Ele divulga que doa o lucro dos CD's para uma instituição de caridade, pois é aposentado e não precisa do dinheiro.

As mulheres com quem conversei durante maior parte do tempo, permaneceram sentadas numa das barracas por longo tempo, conversando, acompanhando de longe o show e tecendo comentários sobre colegas da caravana. Fomos à beira do palco e Aparecida me convidou pra dançar várias vezes.

Algumas duplas possuem timbre de voz semelhante ao de cantores sertanejos famosos. Isso é valorizado pelos fãs e pelo apresentador. Entre os cantores, aqueles que conseguem atingir notas mais agudas, que geralmente fazem a primeira voz, são mais admirados.

A viagem é uma festa. As pessoas ficam eufóricas, se cumprimentam e fazem piadas uns com os outros. Na volta, os cantores que viajavam no ônibus cantaram até cansar.

A Caravana se dirigiu em outra ocasião a São João da Serra, pequeno distrito pertencente ao município de Santos Dumont, no dia vinte e três de julho de dois mil e seis. Os participantes pagaram o valor de R\$ 8,00, oito reais pela passagem. Houve um

pequeno atraso na saída, o que possibilitou um contato com algumas pessoas. Desta vez três ônibus foram necessários para levar os fãs de música sertaneja. Eu segui em um deles, que levava poucos músicos.

Antes do embarque, participei da conversa entre alguns músicos. Eles consideram a utilização de *playback* nos shows positiva, pois é um recurso que dinamiza as apresentações. O *playback* é uma gravação dos instrumentos com os arranjos originais das músicas de sucesso utilizados pelos cantores como alternativa a uma banda com instrumentistas. A banda é dispendiosa e demanda algum tempo antes da apresentação para “passar o som”, regular cada instrumento e o conjunto. Como são vários cantores que se apresentam durante as tardes, a utilização de várias bandas inviabilizaria a apresentação de todos.

Outro tema levantado é a gravação do CD, materialização do esforço, coroação do trabalho e instrumento de arrecadação financeira e apresentação do trabalho para empresários e organizadores de shows. Durante a conversa, os músicos demonstraram preocupação e cautela com relação à autoria de letras e músicas pelo risco de perda de composições e da importância do registro na Ordem dos Músicos do Brasil.

A viagem se deu no fundo do ônibus. O baixista Leomar foi acompanhando num violão as duplas que se alternavam com músicas que faziam sucesso na época. Todos os cantores presentes cantavam para “treinar” uma música e os duetos se revezavam.

Já no local da festa, no princípio da apresentação, Gil Carlos destaca que a música sertaneja fala de “*Amor, Deus, natureza e do povo sofrido*”, aonde ela chega não tem confusão. Gosta de enfatizar que em sua caravana as pessoas vão se divertir, para combater a depressão e encontrar os amigos.

O show começou às 17 horas. “Edinho Super-Star” recitou uma oração, integrante de seu CD de músicas country.

A primeira dupla, Ronei e Marcos, é acompanhada por Leomar num baixo elétrico. Cada cantor da dupla toca um violão. Um executa solados nos intervalos da voz. Cantaram a música “Vestido de Seda”, gravada por Teodoro e Sampaio e outras duas canções.

Gil Carlos divulga uma coletânea organizada por ele com gravações de várias

duplas de sucesso, vendida nos eventos, o CD “Chão Moiado III”. São músicas que ele gosta de ouvir e muito conhecidas pelos ouvintes.

A dupla “Léo e Álex” foi a segunda a se apresentar. O timbre de voz do Léo é semelhante ao de Zéze di Camargo, cantor de sucesso nacional que integra uma dupla com seu irmão (“Zezé di Camargo e Luciano”). Gil Carlos destaca que considera o timbre do garoto uma qualidade da dupla. Sua voz alcança notas agudas. Cantam a música “Dois corações e uma história”, gravada por “Zezé di Camargo e Luciano”. Usam *playback* para acompanhá-los. O público gosta e aplaude. Para cantar “Alguém”, gravada originalmente por “João Paulo e Daniel” a dupla se inverteu e Alex cantou a primeira voz. Cantar a primeira e a segunda voz é uma qualidade importante de um cantor sertanejo. As duplas cantam predominantemente em intervalos de terça. Os cantores que cantam a voz principal são valorizados pelos fãs por seu timbre e alcance de voz, mas principalmente entre os músicos o cantor que faz a segunda voz é valorizado, pois ela enfeita a música e possibilita à dupla a utilização desse recurso que distingue a música sertaneja: o dueto em terças.

Gil Carlos saúda a presença de dois deputados na festa do distrito (Luiz Fernando e Roberto Carvalho). Estas festas onde a Caravana estava se apresentando, um torneio leiteiro local, são importantes vitrines políticas e contato com os eleitores para os políticos. O apresentador divulga o CD de “Ângelo e Gustavo”, dupla que não pôde estar presente. Têm timbre de voz semelhante ao de “Bruno e Marrone”, outra dupla de sucesso nacional. Essa característica é destacada por Gil Carlos. A música “Coração de Pedra”, do CD da dupla era executada ao fundo e um rapaz vendia os CD's no meio do público.

Júlio Teixeira foi o seguinte a se apresentar. Cantou acompanhando o *playback* a música “Tentei te esquecer”, gravada por “Mato Grosso e Mathias”. Não consegue imitar o timbre de voz destes e canta sozinho. Pede desculpas por ter errado o tempo rítmico da música. Esse é um dos prejuízos do *playback*, pois acredito que uma boa banda tocando ao vivo corrigiria o erro do cantor, enquanto a gravação é automática e exige maior concentração deste. Para se redimir canta uma música dançante pra “botá pra remexê”, diz. Canta ainda “Bebo pra Carái”, gravada por “Gino e Geno”. As músicas dançantes envolvem mais a platéia.

O espaço onde ocorre a festa é uma rua fechada pelo palco numa praça em frente da igreja. A impressão é de que a festa está mais cheia que aquela em Rosário de Minas. O palco é menor, mas a aparelhagem de som foi elogiada por Gil Carlos.

Gil Carlos chama Edna ao palco para se apresentar. Ela canta solo e com *playback* a música “Cumadi e cumpadi” gravada por “Leandro e Leonardo”. O público próximo se envolve mais, o xote dá outro ritmo à festa e o público aplaude ao final. Edna canta ainda “...do jeito que você me olha você me fascina...”, gravada por “Rick e Renner”. Gil Carlos pede aplausos. A seguir descreve um projeto que as Organizações Panorama tinham para um programa de televisão que se assemelharia ao show de calouros do Programa Raul Gil da TV Bandeirantes, sucesso nacional que alcança bons índices de audiência.

Gil Carlos começa o momento de oração ao aproximarem-se às 18 horas. Afirma que é nesses momentos de oração que os integrantes da “família Chão Moiado” alcançam a cura de suas enfermidades, principalmente da depressão. Às 18 horas em ponto, toca uma gravação em latim da música *Ave Maria*. Convida “Santiago e Santarém” ao palco para participarem da oração. Com a música de fundo faz orações. Chama a participação do público e este responde com palmas. De joelhos e ao lado da dupla grita viva a Nossa Senhora e Jesus Cristo. Anuncia “Santiago e Santarém” e eles cantam uma versão própria da “Ave Maria”, com *playback*. Três dançarinas participam no palco. Ao final da música uma delas ergue uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e o público aplaude. Gil Carlos canta junto com a dupla. É nesse momento que o público se envolve mais na apresentação. Ao entardecer a música envolve o ambiente, o apresentador se ajoelha no palco e enfatiza a força da oração.

Os músicos continuam sua apresentação e lembram que o CD pode ser adquirido com eles próprios. Cantam a seguir um xote “vai pra casa do cara aí”. Não há conjunto musical acompanhando e tive a impressão de que eles cantavam sobre a gravação de suas próprias vozes. Cantam ainda “vai mexendo” e duas dançarinas voltam ao palco. Gil Carlos provoca o público e pede aplausos.

Gil Carlos chama Rose. Ela canta solo também sobre *playback* num estilo country (inspirado em festas de rodeio). Canta “Clima de rodeio”, gravada por Tânia Mara do grupo “Dallas Company”, com timbre de voz diferente, sem tentar imitar (ou

sem conseguir...) Duas meninas do público sobem ao palco e dançam. Rose canta ainda “Adoro amar você”, gravada por Daniel. A altura ficou grave para a voz da cantora no princípio da música e ela não conseguiu boa dicção. Mas a parte aguda da música ficou mais fácil de ser cantada e Gil Carlos a elogiou ao final da música.

A iluminação do palco é ruim. Fica abaixo dos cantores, no chão, sem iluminá-los bem o rosto e fazendo sombras.

Gil Carlos reclama dos horários dos ônibus que servem a comunidade na linha com Juiz de Fora. O último horário deste Domingo seria às 18 horas. Puxa a orelha dos organizadores da festa e cobra a solicitação de outro horário à noite pelos representantes do bairro.

O próximo a se apresentar é “Edinho Superstar”, o locutor do programa de músicas românticas na madrugada da rádio panorama, que divulga seu CD country. Ele canta sobre a gravação, sobre a própria voz, o que me causou incômodo, pois ele não conseguia atingir as notas agudas gravadas, desafinando. Canta depois “Tô dando fora”. Suas músicas são inéditas. Divulgou seu CD, que ele mesmo vende. Gil Carlos anuncia que o Show será interrompido durante a missa.

Ele chama “Natália e Nicole”, duas irmãs de cerca de quinze anos, que cantam “Meu sentido de viver”. É uma música lenta e romântica. Cantam em dupla sobre *playback*, músicas próprias. Possuem timbre de voz marcante, com bom alcance de voz e dueto bem casado. Elas conseguem inverter a dupla, alternando a primeira voz. Em seguida cantam “A nova dupla sertaneja”, um forró. A terceira música é outro forró “Bebo pra carai”, gravada por Gino e Geno, já cantada anteriormente. Cantam uma música em inglês e português “Só penso em você”, gravada por “Chitãozinho e Xororó” e uma cantora estrangeira. Também divulgam seus CDs, vendidos na festa por seu pai, que é produtor de CD's.

Gil Carlos anuncia que o conselho local providenciou um ônibus com destino a Juiz de Fora para 23 horas. A seguir chama Léo, que faz dupla com Alex, e canta com ele a música “Dois apaixonados” (sobre a gravação de “Zezé de Camargo e Luciano” com Julio Iglesias, sobrepondo-se às vozes destes). Gil Carlos também gosta de cantar e não perde a oportunidade.

A seguir, Léo substitui o companheiro de dupla de Luciano, que se ausentou

nesse dia, situação da qual o companheiro Alex se queixou em conversa particular, pois via Luciano como um concorrente. Cantam “Boto pra Remexer”, gravada por “Leandro e Leonardo”. Cantam também sobre *playback* e Léo faz a primeira voz. Gil Carlos anuncia que o show será interrompido durante a missa. A dupla canta ainda “Ferro e fogo” de “Zezé de Camargo e Luciano”.

Todos foram convidados por Gil Carlos a participarem da missa e a presença de Santiago e Santarém durante a celebração foi confirmada. Participei da celebração e a dupla cantou no fim da missa a homenagem a Nossa Senhora Aparecida. Os dois não estavam na igreja no momento em que o padre os anunciou, mas a assembléia os aguardou por alguns minutos. Foram acompanhados pelo violonista do coral da igreja. A assembléia cantou junto o refrão e aplaudiu ao final. Os cantores agradeceram ao final e disseram se sentirem abençoados. Com o fim da missa, a impressão era de que o número de pessoas participando da festa havia aumentado.

Depois da missa, Gil Carlos chama “Richard e Ruan”. Cantam músicas sertanejas românticas. Cantam também com *playback*. Gil Carlos incita o público a aplaudir. O timbre de voz é próximo ao da dupla “Bruno e Marrone” e o estilo parecido. As músicas devem ser próprias. A terceira é “Não vou negar”. Cantam “Choram as rosas”, gravada também por “Bruno e Marrone” e o público canta junto o refrão. Foi uma das duplas a cantar mais de três músicas. Gil Carlos os acompanha lado a lado e gosta de sua apresentação. Enfatiza que existem talentos locais, não havendo necessidade de idolatrar os cantores que fazem sucesso nacional.

Quando chegam ao palco “Aldo e Antony”, Gil Carlos destaca que são de Bias Fortes, “gente daqui”. Cantaram “Segura essa coração” e depois “Noite vem”. Pela primeira vez o cantor frisou a autoria da música, citando o nome do autor. Cantam no estilo romântico. O fato de serem artistas da região é orgulho para o apresentador. Este fato mostra a importância do espaço na construção e valorização da identidade.

Durante a apresentação dessa dupla os organizadores realizam uma tradicional queima de fogos de artifício, enquanto a dupla cantava outra música. Cantam também acompanhando *playback*. Cantam ainda “Santuário do amor”, outra música inédita da dupla. Uma mãe desesperada procurava seu filho pediu para anunciarem. A criança foi encontrada logo, mas Gil Carlos deu um puxão de orelha nos pais que deixam seus

filhos soltos.

Doquinha canta composições próprias, acompanhando *playback* e pela primeira vez sem seu teclado, fez questão de afirmar. Suas músicas narram episódios de sua carreira de caminhoneiro. Canta “Falsa caroneira”. No intervalo entre a apresentação da primeira e segunda música conta sua trajetória artística até encontrar Gil Carlos. Canta outro forró de sua autoria. Durante a apresentação desta última, Gil Carlos leva uma senhora para dançar no palco. Doquinha cantou ainda “São quatro vidas”, escrita também por ele, que refere-se a um acidente envolvendo um caminhão no qual faleceu seu irmão há quase trinta anos. “Caminhoneiro” foi a última. Lembrou que a renda da venda de seus CDs é revertida em favor de uma instituição de caridade. Gil Carlos apresentou a senhora que foi convidada ao palco para dançar. Dona Odete faz parte do fã clube “Chão Moiado”. Gil Carlos diz que a caravana seria uma saída contra a depressão para idosos como dona Odete, para não perderem o domingo em casa sem o que fazer.

Gil Carlos chamou a grande atração da caravana, anunciada durante todo o evento. Dener é um garoto de cerca de 10 anos que canta solo e acompanha a caravana já há bastante tempo. Cantou “No dia em que saí de casa”, tema do filme “Os filhos de Francisco”, que conta a história da dupla “Zezé di Camargo e Luciano”, lançado no último ano. Acompanha *playback*. É a grande atração, muito querido de Gil Carlos e dos integrantes da caravana, como pude perceber nas entrevistas. Gil Carlos destaca que o menino é pobre e ajuda a família com a renda dos CDs. A família comprou um computador com esse dinheiro e copia os CDs que vendem durante os shows. A mãe de Dener estaria doente e o apresentador pediu uma ajuda extra para o público, através da compra do CD ou de doações em dinheiro. Dener cantou “jiripoca”, um xote. Gil Carlos mostrou ao público uma tigelinha de plástico e entregou ao público para arrecadar dinheiro pro menino. Dener canta ainda “eu vou ficar” de “Zezé di Camargo e Luciano”, a pedido de Gil Carlos. Dener cantou também “Pão de mel” acompanhado por Gil Carlos que substituiu “Santiago e Santarém” (que gravaram em CD esta música junto com Dener), em uníssono. Canta ainda a música “Mulher Chorona”, gravada por “Teodoro e Sampaio” fechando sua apresentação.

Gil Carlos divulgou o próximo local de encontro da Caravana, dia 03 de Setembro, em Chácara de meio dia às 17 horas.

Gil Carlos termina o show com uma prece e uma oração de agradecimento. Destaca a ausência de confusão e briga em seu evento de música sertaneja. Canta junto com a gravação de “Rick e Renner” de “Ao lado de Deus”, composta em referência ao falecimento do cantor João Paulo no ano de 1997, companheiro de Daniel na dupla “João Paulo e Daniel”. A música refere-se ao tema da morte. Para finalizar pede palmas pra Jesus e o público atende. Agradece aos organizadores da festa e avisa que o ônibus da caravana partiria logo. Eram cerca de 22 horas. Geralmente o show termina entre 20 e 21 horas, porém neste dia ele se iniciou somente às 17 horas. O horário de partida não pode ser tarde, pois os ônibus urbanos de Juiz de Fora param de circular para alguns bairros no começo da madrugada.

No ônibus a tradicional música no fundo do ônibus, quando as duplas se misturam e o violão circula entre os músicos, inclusive com o pesquisador. O excesso de poeira e o cansaço não impediram a cantoria.

3. As entrevistas

As entrevistas se mostraram uma fonte de dados fundamental. Elas são a oportunidade de levantar com os integrantes da caravana a sua relação com a música sertaneja. O pesquisador passa a ter contato com as construções do sujeito etnográfico sobre si. É um momento de embate em que as categorias trazidas pelo pesquisador são postas em jogo e testadas.

As entrevistas se deram durante as caravanas. Os integrantes foram abordados durante a festa, inseridos no ambiente criado para a experiência musical. Entre os entrevistados encontram-se representantes dos fãs e ouvintes do programa de Gil Carlos e dos cantores que se apresentam nas festas. O organizador da caravana, o radialista Gil Carlos, pôde ser entrevistado em um outro momento, no seu local de trabalho como motorista. A seguir seguem algumas observação sobre as entrevistas que puderam ser gravadas em formato “.wav” (*waveform audio* – formato de arquivo sonoro desenvolvido em conjunto pela Microsoft e IBM para plataforma Windows), num aparelho MP3.

Gil Carlos é o nome artístico de Carlos. É motorista do SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – na cidade de Juiz de Fora. Com 50 anos de idade, é radialista há 16 anos, locutor de programas de música sertaneja.

Trabalha como motorista há 29 anos na prefeitura de Juiz de Fora, sendo os últimos 5 anos no SAMU porque fez um curso de resgate quando trabalhou no corpo de bombeiros. Com 38 anos de carteira assinada espera atingir a idade de se aposentar. Trabalhou também no caminhão de coleta de lixo, pela prefeitura municipal.

A primeira rádio em que trabalhou foi a RNC há 16 anos, a convite do prefeito na época, depois de um evento em que substituiu de improviso o apresentador da inauguração de uma obra da prefeitura, onde estava trabalhando como motorista. Seu primeiro programa era à noite. Era orientado por outros apresentadores mais experientes, inclusive o prefeito que o convidou para trabalhar na rádio, que acompanhavam o programa e o corrigiam posteriormente.

Perguntado pelo prefeito qual tipo de hobby, de música de que gostava, respondeu: “eu sempre gostei de sertanejo, minha origem é sertaneja, devido a meu pai, minha mãe, que vieram da roça...” Vive em Juiz de Fora desde os nove anos de idade.

Não morou na roça, mas frequenta sítios e granjas aos fins de semana. Os pais não tiveram estudo nenhum, enfatiza. Vieram da cidade de Visconde do Rio Branco, a cerca de 120 quilômetros de distância para Juiz de Fora sem nada, lembra o locutor. Trabalharam muito como trabalhadores braçais nos canaviais daquela cidade. Afirma que lutou muito, sua mãe lavava roupa para outras famílias como modo de complementar a renda. Seu primeiro emprego foi como balconista. Não se aposentou por causa das reformas da previdência promovidas pelos últimos governos. Sempre conciliou o programa com o emprego na prefeitura de Juiz de Fora.

O primeiro programa em que trabalhou entrava no ar à noite, a partir do convite do prefeito à época. Trabalhou entre outras na rádio Capital AM, Juiz de Fora AM, Solar AM (durante 5 anos e seis meses) e na rádio Panorama FM. Saiu da Solar para acompanhar o tratamento de saúde de sua mulher que sofrera aneurisma cerebral e utilizou os direitos trabalhistas recebidos para pagar as despesas. Foi convidado então pela Panorama FM dois meses depois.

A rádio Panorama promoveu uma festa de inauguração na época em que havia saído da rádio Solar então Gil Carlos foi acompanhar e assistir. As pessoas o cumprimentavam durante o evento, então o diretor da rádio Panorama o procurou e depois de conversarem o convidou para trabalhar. Foi nesta rádio que propôs um programa a partir das quatro da manhã, antes do programa do José de Barros, da solar AM, que começava às 5 da manhã. O horário era estratégia de audiência e atenderia os vigilantes e as pessoas com empregos noturnos, antes do programa do José de Barros e deu certo. Descia de bicicleta do bairro Nova Era para fazer o programa às quatro da manhã. A Panorama foi inaugurada em Juiz de Fora como FM, mas procurava locutores AM do perfil de Gil Carlos, segundo lhe disse o diretor.

A Panorama FM não possuía CD's sertanejos. Gil Carlos tem sua própria caixa com uma coleção de músicas para apresentar. Tem cerca de seiscentos cd's do estilo sertanejo em dois caixotes, um arquivo musical pessoal, formado desde que começou a carreira de locutor. A emissora Solar possui aparelho toca-discos para os LP's de vinil gravados antes da era digital. Possui ainda um acervo, uma discoteca com exemplares de várias duplas sertanejas antigas.

Gil Carlos acredita que foram questões políticas que pressionaram sua saída da

última rádio em que trabalhou. Quando o apresentador trabalhou na Manchester AM, criou a patente “êta chão moiado”. Explicou que se inspirou numa vidraça atrás do estúdio por onde a água corria durante as chuvas e utilizava o jeito de falar próximo ao do homem do campo, um jeito “natural”, enfatiza. Usa linguagem do homem do campo, linguagem “clara”. Fala “naturalmente” para se aproximar das pessoas mais simples. Destaca em sua entrevista: “meu jeito natural é esse, porque não tenho estudo nenhum”.

Não se interessa a voltar a estudar, pois hoje já criou família, explica. Trabalha desde novo, por isso não estudou. Comenta que atualmente os filhos recebem mesada para estudar dos pais que trabalham, mas na sua época os filhos é que davam mesada para os pais, por isso está mais fácil estudar. Em um programa pela manhã na rádio em que trabalhou anteriormente um fato ilustrou essa questão. O locutor criticava um grupo de adolescentes que praticavam vandalismo em frente ao estúdio da rádio durante a apresentação do programa. O estúdio fica de frente para a rua, separado por uma vitrine entre o apresentador e os transeuntes. Enfatizou que os adolescentes “estudavam para burro”, lamentando a “falta de valores da juventude de hoje”, enquanto exaltava a “escola da enxada”, referindo-se ao trabalhador rural. Enfatiza, que a juventude de hoje estaria mudada, sem respeito ou religiosidade. Faltariam responsabilidade para os filhos e autoridade dos pais, o que não acontecia antigamente. Confirma sua tese com a experiência pessoal. Trabalhava numa lanchonete aos oito anos de idade, antes que ela abrisse, lavando e preparando para o início do expediente. Era um estabelecimento localizado em frente a radio Solar (antigamente rádio V3), onde ajudava o locutor do programa de música sertaneja José de Barros depois de terminadas as tarefas na lanchonete, levando água ou lanche. Afirmou sentir-se honrado por ter tido a oportunidade de trabalhar ali, com quem trabalharia mais tarde na rádio Solar AM. Entregava ainda jornais.

Seu programa na rádio Solar AM onde trabalha atualmente vai ao ar das 20 horas à meia noite. Gil Carlos aponta que este é o “horário nobre” então disputa a audiência com as novelas, com as transmissões de futebol e outros programas como o *Big Brother*, da Rede Globo de televisão. Afirmo que os ouvintes fazem “pingue pongue” e acompanham tudo. Tem 60 a 65 % de audiência, afirma. Quando trabalhou na Panorama no horário da manhã, usava outra linguagem. Sotaque e tipo de programa é diferente, diz pois o ouvinte é diferente. São trabalhadores que acordam de manhã se

preparando para sair com uma marmita pra trabalhar. Entre os ouvintes destaca profissionais como serventes de pedreiro, carpinteiro, motorista de ônibus e o vigilante que trabalha a noite toda até as sete da manhã.

Enfatizou que foi pioneiro em organizar uma caravana e hoje existem outras. A primeira caravana reuniu em Chácara muitas pessoas para um jogo de futebol entre um time formado na hora dos ouvintes e outro do local. Pôde assimilar o tamanho da audiência de seu programa. Vendeu as passagens e lotou um ônibus que saiu do centro da cidade de Juiz de Fora. A cidade de Chácara superlotou. Além do ônibus apareceram carros e motociclistas. No dia anterior combinou com uma pessoa da cidade para preparar almoço e vender. Posteriormente a caravana se reuniu para os shows para apresentar os cantores da região.

O apresentador teve a oportunidade de criar o “Talento da nossa terra” na rádio Panorama, por meio do qual buscou os talentos escondidos, destaca. As rádios não davam valor e chance aos cantores de Juiz de Fora, só se falava nas duplas Gean e Roger e Alan e Alisson, que cresceram com o dinheiro das pessoas simples que acompanhavam seus shows. Enfatiza que encontrou muitas duplas com talento e qualidade como “Hugo e Halen” e “Natália e Nicole” que cita. A Caravana chegou a ser formada por dezesseis ônibus quando foram se apresentar em Bias Fortes. Algumas duplas conseguem se apresentar em outras festas e seguem a carreira. Gil Carlos apresentou também algumas duplas na exposição agropecuária do município de Chácara.

As festas estimularam o aparecimento de compositores. Contabiliza um total de cerca de cinqüenta nomes de duplas que estão com CD’s gravados e que estavam escondidos antes de a Caravana se mostrar como um espaço de apresentação e formação musical. Essas duplas formadas passam a tocar em bailes, tocando em casas de show de Juiz de Fora ou em outras cidades. No bairro Manoel Honório há uma praça onde se concentram as casas de show de música sertaneja. Citou o “Sobradinho”, “Panorama” e “Carinhoso”. Um dos cantores da caravana o procurou recentemente e enumerou seu calendário de apresentações. Destacou que uma dupla formada por serventes de pedreiro chegou a arrecadar até dois mil reais num show.

Na entrevista o apresentador se mostrou triste, pois a diretoria o impediu de

“tocar os meninos”, diz. Está triste, mas mantém uma fé firme, que inclusive teve de reter. A oração das 22 horas não pode ser feita. Ele lamenta pois sente que seu público necessita deste momento de oração.

O apresentador utiliza a rádio como veículo para ajudar muitas pessoas. Destaca que a programação da televisão traz notícias de destruição e catástrofe. “A família está precisando de acalento, que possa fortalecer ela”. “Meus pais trouxeram isso pra gente”, destaca. Os pais do apresentador faziam parte da sociedade São Vicente de Paula. Esta instituição religiosa ajudou muito sua família quando haviam chegado a Juiz de Fora e passavam fome. Sua infância foi marcada por dificuldades financeiras. Enfatiza que o almoço era servido às três da tarde para servir de jantar. Pedia aos açougues da cidade os restos de carne e osso para enriquecer a sopa com a qual se nutriam. Quando seu pai se tornou pedreiro e teve salário passou a ajudar a entidade.

Ao falar da música sertaneja, define: é uma música que *“fala da vida, do campo e da roça. Não agride a família...”*. Observa que há alguns anos era vergonhoso ser fã de música sertaneja. Hoje este estilo atinge a classe média e os jovens estudantes. Antes era restrita à fazenda e ao mundo rural, explica. Hoje o estudante ouve na rádio. Interpreta o fenômeno como resultado de uma modernização do estilo, uma adaptação à mudança de contexto social e cultural. Afirma: *“Eu sou essa evolução, meu ritmo é avançado, mais moderno”*. Explica que em seu programa toca as músicas mais de raiz para atingir as pessoas da terceira idade, mas busca atingir todas as faixas etárias tocando as novas músicas. Dá oportunidade para todos os estilos, para os modernos e os de raiz, como afirma. Observa como as músicas raiz foram modernizadas. Cita a dupla Cristian e Ralf, surgida nos anos de 1980, que gravou uma versão de uma antiga música de “Tião Carreiro e Pardinho”, uma dupla surgida em meados da década de 1950.

Gil Carlos afirma que gosta de cantar. Já foi convidado para formar dupla e cantar. Cantava sambas e em 76, 78 era puxador de Samba. *“Mas, dentro de mim, eu sempre gostei da música sertaneja por causa de meu pai”*, destaca. O samba foi uma fase que passou, afirma.

Afirmou na entrevista inicialmente que só gosta da música sertaneja, mas destacou que gosta da música sacra e das canções internacionais românticas como as de Bárbara Stein ou John Lennon. Observa que algumas músicas sertanejas foram versões

de músicas internacionais. Entre os cantores que fazem sucesso nacional, citou que gosta da dupla “Chitãozinho e Xororó”, “Zezé di Camargo e Luciano”. É fã do Pe. Marcelo Rossi, do Pe. Zezinho, e também gosta demais da música evangélica, “falou que é sacra, falou com Deus, falou comigo”. Enfatiza que começa e termina a caravana pedindo a Deus uma proteção. Na oração das seis horas cantam uma canção a Nossa Senhora Aparecida a dupla “Santiago e Santarém” enquanto algumas crianças carregam no palco a imagem da santa. Enfatiza que respeita também qualquer credo religioso, que respeita a crença dos católicos. Os católicos sentem a presença de Deus, sentem a Nossa Senhora entrando no palco, define. As meninas dançam uma coreografia e há intensa participação do público presente. Param tudo: podem estar com a bebida e o cigarro na mão que jogam o cigarro no chão e às vezes se libertam do cigarro nesse momento, destaca o apresentador. A oração atinge as pessoas e cura de enfermidades como da depressão. Lamenta o fato de encontrar resistências para expressar sua religiosidade na rádio em que trabalha atualmente.

A direção da rádio limita: não pode tocar os talentos da terra nem fazer a oração. Demonstra grande tristeza, pois como afirma, uma pessoa pediu para ele parar de falar de Deus no seu programa. Desabafou num evento no bairro Previdenciários onde fez oração e cantou. O evento durou cerca de duas horas de show das mães e foi promovido pela sociedade do bairro. O apresentador espera que o coração da diretoria “esmoreça”.

As pessoas que acompanham a caravana, os fãs, procuram Gil Carlos nos horários em que está fora da rádio. Explica que a rádio cria uma expectativa diferente nos ouvintes que querem conhecer o locutor. A curiosidade dos ouvintes da rádio é outra e provoca a imaginação dos ouvintes. Define que sua voz é “voz de taquara rachada”, mas é boa pra apresentar o programa sertanejo. Locutor sertanejo deve ser natural, afirma, sem tentar imitar o homem do campo. Quem imita não consegue mexer com o ouvinte. O sotaque, o “linguajar” do sertanejo tem que ser natural. Não teve a graça de estudar, trabalhou muito e está num lugar onde as pessoas tem que estudar muito para alcançar, afirma com orgulho. Exalta sua naturalidade de conversar, de não querer falar difícil. Fala de um jeito bem claro também para a juventude. “Hoje eu atinjo os universitários. Falo a língua deles. Falo a língua do presidiário”. Afirma atingir aquele que está preso dentro da cadeia e a mãe deste presidiário. Teve a experiência de

ter um irmão preso e sabe o que as mães passam. Destaca que além de entrar na casa das pessoas através do programa de rádio, o trabalho no SAMU o aproxima da realidade das pessoas.

Quando trabalhou como motorista de caminhão de lixo no DEMLURB, demonstrava sua preocupação com questões sociais. Afirmava que foi o primeiro a reciclar lixo em Juiz de Fora. Tinha de tudo em sua casa. Recolhia brinquedos e distribuía entre as criancinhas pobres onde passava com o caminhão de lixo. Essa aproximação o habilitaria a falar a língua do pobrezinho na favela, afirma.

O apresentador afirma sonhar em trabalhar em grandes emissoras das capitais, pois acredita em sua capacidade e afirma que para ser locutor tem que conhecer a música sertaneja, as duplas, tudo. Sente que há espaço para ele pela falta de bons apresentadores.

Identifica uma boa dupla através da harmonia do conjunto de voz, compasso, harmonia. A união das vozes, quando a primeira e segunda se dão bem, não necessita nem de acompanhamento, observa. O dueto em intervalos predominantemente de terça é uma característica que vem das primeiras gravações do estilo sertanejo e o marca. Segundo Gil, a modernização do estilo pediria o teclado eletrônico. Antigamente só violão e acordeom ou dois violões acompanhavam uma dupla. Hoje é indispensável uma banda ou o teclado como acompanhamento. A caravana usa o *playback* para que muitas duplas se apresentem, com o mínimo de pausa que a instalação dos instrumentos exigiria. Isso daria dinamismo para o público “não esfriar” ou então o povo vai embora, afirma Gil. O *playback* serve também de ferramenta de aperfeiçoamento para alguns novos cantores, segundo o apresentador.

A caravana para Gil é uma oportunidade para que “as pessoas que gostam da música, conheçam a roça, a rotina do trabalhador rural”, enfatiza. A Caravana nas pequenas cidades é oportunidade de aproximar os fãs da música sertaneja dessa realidade, para conhecerem cidade pequena. Observa que muitos dos integrantes da caravana nunca conheceram uma roça, sua ligação remonta à origem do pai e da mãe. Tem jovens que conhecem e freqüentam sítios ou granjas, mas não conhecem o dia a dia do homem do campo, do homem da roça, de um retireiro que levanta três ou quatro horas da manhã para alimentar e ordenhar as vacas.

Explica o nome que usa. Seu nome é Carlos. Gil vem de seu irmão que se chamava Gilberto. O nome é mais sonoro para as vinhetas para chamada dos programas.

Além da entrevista com o organizador da caravana, foram abordados os fãs e cantores. Entre eles o cantor Iran Cardoso, que integrava a caravana há um ano. Além de cantar na caravana, ele é mecânico, cozinheiro e lavador de carro, mas sem ocupação fixa. Apresenta um programa de música sertaneja numa rádio comunitária na Zona Norte, em Juiz de Fora. Tinha um cd gravado e outro pronto pra sair, explica. Canta solo e tem uma banda que o acompanha nas apresentações e bailes em que canta.

Iran Cardoso é nascido em Juiz de Fora e sempre morou na cidade. Quando perguntado sobre sua relação como a roça falou sobre o trabalho no campo: “Adoro roçar, capinar roça”. Mora no bairro Barreira do Triunfo.

Afirma que todo mundo ouve música sertaneja. Destaca que a música tem relação com a roça e com o povo do Brasil todo. “Onde você vai, encontra”. Observa que “antigamente”, a juventude gostava de *funk*, *rock*. Ele mesmo já usou roupas de roqueiro e cabelo grande e era cantor de uma banda de “*rock pauleira*”. Agora só gosta de cantar forró e sertanejo. Está aprendendo teclado para acompanhar suas apresentações.

O cantor reafirma que adora a música sertaneja. A música de raiz é boa, diz, e admira quem gosta. Mas ele gosta mesmo da música moderna, enfatiza. Antigamente quem gostava de raiz eram os idosos que moravam na roça, completa. Hoje os jovens tocam e ouvem essas músicas. Seu irmão, com trinta e sete anos ouve exclusivamente as músicas caipiras, dizendo que a música atual não guarda vínculos com ela e não é música.

Cita como ícones da música duplas antigas como “Léo Canhoto e Robertinho”, “Tonico e Tinoco” e “Milionário e José Rico”.

Define-se como uma pessoa muito romântica. Mas liga a música sertaneja romântica também com o trabalhador do campo.

Perguntado sobre o que sente quando ouve música sertaneja, afirma que pensa na própria vida. Canta a música “América” de Zezé di Camargo, que fala da natureza e de patriotismo. Nesse ponto afirma “*Esse mundo só tem barbaridade, na roça é diferente. Uma música te chama atenção te leva a pensar no que está acontecendo*”. A

roça idealizada e os valores que essa idealização encerra aparecem na sua entrevista.

Iran destaca que a letra das músicas lhe chama a atenção. Mas, o mais importante, é o timbre da voz dos cantores. “*Se não tiver voz pra cantar não dá*”. Afirmo que desde pequeno cantava no banheiro. “*E estou gravando meus CDs*”. A gravação do CD é um marco importante para os cantores da caravana. Gil Carlos os incentiva a isso destacando a importância do mesmo para a montagem de um repertório.

O cantor destaca a importância de se treinar a voz. “*Aprendi a cantar com força de vontade! Acho que canto mais ou menos, mas vou fazer aula*”, afirma. Na entrevista Iran Cardoso reconhece a importância de estudar música para desenvolver as potencialidades da voz. Afirmo que na cidade pode encontrar cursos de canto. Enfatiza também a necessidade de possuir carteirinha de músico da OMB, a Ordem dos Músicos do Brasil, para ter licença de cantar em qualquer lugar. Destaca com satisfação que no próximo ano cantaria periodicamente numa casa de shows, formando uma dupla com outro cantor.

A música sertaneja, para o entrevistado simboliza a saudade dos moradores da cidade oriundos do campo. Observa que as pessoas habitantes da zona rural são impelidas a deixar o campo e mudar para a cidade. Quem quer ser alguém na vida tem que ir pra outros lugares, pois existem cidades que não proporcionam horizontes, afirma. “*Você tem que correr atrás dos seus objetivos, se você quiser ser alguém na vida*”. Exemplifica com sua vida: “*Quando era pequeno eu falava que ia ser cantor, e nem sabia que ia gravar um CD*”. Se mostra satisfeito, pois as pessoas estão elogiando seu trabalho.

Quanto ao momento que passa a música sertaneja defende que “*até os novos estão gostando de sertanejo*”. Cita bandas com estilo de música que seriam próximos como a “Banda Calipso”, o “Bonde do forró” e “Calcinha Preta”.

Interpreta as mudanças sofridas pelo estilo sertanejo como adaptação às mudanças da sociedade, ou à “*mudança dos tempos*”, como define. A dupla formada por Chitãozinho e Xororó representaram uma inovação na época de seu surgimento, explica. A música “É o amor”, de Zezé di Camargo e Luciano teria marcado uma mudança no ritmo. O repertório “*muda de acordo com o tempo*”, enfatiza; “*a cabeça do cantor vai mudando, ficando diferente*”. Apesar da constante transformação apontada

pelo cantor, o público gosta das músicas antigas e pede para que ele as cante durante os shows.

Iran Cardoso Também compõe letras de música e problematiza a atividade criativa. Afirma que para escrever precisa estar calmo, mas reconhece que muitos compositores inventam músicas bonitas somente quando estão com raiva.

Explica que gosta de ouvir músicas românticas como as da dupla Gian e Giovani, ouve ainda axé e calipso. Só não escuta *rock*, *nem funk*, enfatiza. Lembra que quando era mais jovem tocava músicas de bandas de rock como *Sepultura* e *Scorpions*. Ainda ouve as músicas desta última e da banda *Metálica*, pois são mais românticas, explica. Tocava rock pauleira, “era mais novo e gostava de qualquer coisa”, diz. Completa dizendo que para um rapaz de 35 anos, ter cabelo grande e dançar *rock* “*não pega bem*”.

Além de ouvir Gian e Giovani, afirma que gosta das duplas Cleiton e Camargo, Zezé di Camargo e Luciano, Daniel, Calcinha Preta, Trio Chapahalls e as músicas dançantes da Ivete Sangalo. Destaca uma música do cantor romântico Alexandre Pires que teria mexido muito com ele.

Quanto aos instrumentos utilizados nas músicas sertanejas, destaca que gosta do teclado (sintetizador eletrônico). Aprecia o som de órgão, muito utilizado nas gravações do cantor Amado Batista. O teclado facilita e viabiliza as apresentações. Pretende comprar um teclado com luzes que indicam onde tocar. As músicas não ficam iguais pois o teclado tem recursos que permitem a mudança do ritmo ou do instrumento.

Quanto à utilização do *playback* observa que esse recurso facilita o trabalho e agiliza as apresentações na caravana. Tem uma banda que o acompanha nos bailes em que se apresenta, mas na caravana ela tumultuaria. Defende que o acompanhamento da banda é muito melhor.

Para Iran Cardoso a segunda voz é indispensável para a música sertaneja. Explica que nas suas apresentações fora da caravana, os integrantes da banda cantam a segunda voz e o backing vocal para complementar a música. Prefere as duplas formadas por casais, com uma voz feminina e outra masculina. O entrevistado não gosta de música instrumental e defende que a voz é indispensável.

Define também a caravana como uma família. As pessoas se encontram numa

festa e no dia seguinte mandam alô uma pra outra nos programas do Gil Carlos. Comenta que a caravana acolhe pessoas com depressão ou outro problema de saúde. Destaca a religiosidade e os vínculos afetivos proporcionados pela caravana. Pretende gravar a música de Santiago e Santarém, “Nossa Senhora do Brasil” no seu próximo CD. As pessoas que nem se conheciam fazem amizade na festa. O grupo é formado por pessoas da cidade inteira, explica, e de toda idade. No dia da entrevista cinco ônibus trouxeram as pessoas para a festa, enfatiza.

Ao comentar sobre a importância do organizador chega a definir Gil Carlos como um pai. Ele divulga o trabalho de todos os sertanejos da região e incentiva os cantores a gravarem seus CD's. Comenta que a gravação de seu CD custou-lhe cerca de mil reais, mas se mostra satisfeito.

Perguntado sobre a qualidade dos artistas que cantam na caravana, Iran observou que alguns cantores que não possuem uma voz preparada para cantar, mas acredita que com ensaios eles podem se desenvolver. Gosta de Léo e Alex, com timbre de voz próximo ao da dupla Zezé di Camargo e Luciano, Timóteo, as irmãs Natália e Nicole e o menino Dener. Pretende gravar com este alguma canção no seu próximo CD. Critica os artistas da caravana que se distanciam do público depois que gravam um CD e defende que a humildade é necessária nesse meio. Alguns cantores dão volta atrás do palco nas festas, enfatiza.

Iran Cardoso diz que não imita nenhum cantor. Defende que, ao cantar com sua própria voz está sendo ele mesmo, apresentando-se ao público como ele é, sem imitar nenhum cantor famoso.

Na caravana explica que busca amizade sincera e honestidade. Observa que na caravana há um clima de paz, não ocorrem brigas e a estrutura das apresentações é boa. O ambiente religioso já teria proporcionado curas do câncer e principalmente de depressão. Explica que a festa não é uma igreja, “mas é um lugar que a gente se sente bem”. Um ambiente de fé é criado pois o apresentador é muito religioso, diz.

Além dos cantores, compuseram o universo das entrevistas os fãs da música e ouvintes do programa do Gil Carlos. Foram gravadas algumas das entrevistas com algumas senhoras que acompanham a caravana e são presença predominante e constante nas festas. A seguir segue a descrição dessas entrevistas.

Dona Bernadete tem quarenta e sete anos. Foi mãe quando tinha apenas treze anos de idade e hoje tem 6 filhos e 12 netos, sendo a mais velha das netas uma menina com dezesseis anos de idade.

Bernadete diz que gosta de cantar, mas em casa. Gosta de ouvir as músicas do Barrerito, de Zezé de Camargo e Luciano e do Daniel, principalmente.

Ela morou na roça e defende que a música sertaneja tem muita relação com a zona rural. Se dia apaixonada pela música sertaneja e lembra dos cantores da caravana Diamazano e Santiago e Santarém. Especialmente gosta das músicas “Nossa Senhora Aparecida” e “A carta” desta dupla. Compara aquela música à canção “Nossa Senhora do Brasil” cantada por Bruno e Marrone com participação do padre Marcelo Rossi.

Gosta de outros estilos também. Mas a única música de funk de que gosta é o “Trote da Eliana”, diz, pois é muito engraçada. Gosta também um pouco de pagode e lembra da música que Leonardo canta com Zeca Pagodinho, “Latinha na mão”.

Ela recorda de quando foi convidada para acompanhar a caravana, em 2005 por dona Aparecida do Poço Rico. Elas se conheceram através do programa do rádio, quando dona Bernadete pediu ajuda no programa por causa de uma depressão, deixando o telefone no ar. Então a dona Aparecida lhe telefonou e ajudou bastante, enfatiza. Uma de suas netas, Milena, a acompanha nas caravanas. Apaixonada pelo Gil Carlos, diz a avó, acompanha a dupla Santiago e Santarém carregando a imagem de Nossa Senhora Aparecida enquanto a dupla canta na oração das dezoito horas. A entrevista era feita a poucos minutos das seis da tarde, o que preocupava dona Bernadete. Gosta muito do grupo. Descreve que todos se encontram na rua, em dias de semana. Alguns moram na zona norte como ela, o que facilita o contato. Ela procura o Gil Carlos no SAMU, onde ele fica de plantão com a ambulância e recebe os ouvintes de seu programa.

Ela percebia diferenças entre as músicas antigas e as gravadas atualmente. Lembra, entre as duplas que ouvia de Tônico e Tinoco, do Trio Parada Dura, de Léo Canhoto e Robertinho, de Roberta Miranda, e de Evaldo Braga. A dupla Milionário e José Rico fala muito de amor, descreve. Lembra-se ainda de Tião Carreiro e Pardinho. Gosta especialmente da música Boate azul de Joaquim e Manuel. Gilberto e Gilmar tem uma voz nasalada, que sai pelo nariz, observa. Ouve outros estilos, cita o cantor pop Latino e o funkeiro Mc Marcinho. Gosta de ouvir mais o Barrerito, enfatiza. Gosta do

som do violão e da sanfona. Prefere as músicas mais lentas. Na caravana gosta de músicas acompanhadas pelo teclado, diz.

Tem vontade de cantar e lembra de uma oportunidade em que cantou com o Gil Carlos pelo telefone durante seu programa a música Barco de Papel.

Dona Bernadete ouve música sertaneja em momentos de tristeza, quando esta muito angustiada. Desabafa que nos últimos dias estava passando por um momento muito difícil. Seu esposo estava passando mal. Com setenta e três anos de idade, já havia sofrido infarto uma vez e estava com pedras nos rins sem poder ser operado. Comenta que nas madrugadas, a primeira coisa que fazia era ligar o programa do Gil, todos os dias, quando seu programa começava às quatro da manhã. As festas da caravana são uma oportunidade de fuga, para esquecer um pouco de casa nesses momentos. Comenta que um filho seu lhe dá muito problema e que a caravana a tirou da depressão. Afirma que tem muitos conhecidos ali, então pode conversar e se divertir. Ali *“todo mundo está alegre, é uma família né”*.

Conta então sua história de vida. *“Quando eu tinha seis meses fui jogada no mato pela minha mãe verdadeira e fui criada por outra em Ervália. Moro em Juiz de fora há mais de 30 anos. Minha mãe biológica era de Visconde do Rio Branco. A mãe de criação mora sozinha e Deus em Ervália com setenta e seis anos de idade. Passou natal e ano novo com ela. Fui parar em Belém do Pará. Juiz de Fora foi o paradeiro final onde engravidei ainda criança. Uma gravidez atrás da outra, não tinha orientação, só parei com três filhos e quando casei tive mais três”*. Não teve filhos com o atual marido, *“um italiano forte”*. sente-se angustiada em vê-lo sofrendo por causa da doença.

Na caravana espera ansiosamente o momento da oração, quando a neta acompanha a música de Santiago e Santarem carregando a imagem da santa. Comenta que todo mundo chora e participa levantando um pano branco. Neste dia especialmente iria pedir em nome do esposo em oração, afirma.

A segunda entrevista foi realizada com Dona Breguete, num outro dia durante seu almoço. Nesta ocasião, outros integrantes da caravana que estavam na mesa conosco também participaram espontaneamente da conversa.

Dona Breguete nasceu em Natal no Rio Grande do Norte. Mudou-se aos nove

anos para Juiz de Fora.

Defende que a música sertaneja tem a ver com a roça, mesmo a música atual. Dona Breguete morou na roça, mesmo quando se mudou para Juiz de Fora. Atualmente mora na cidade por uma questão financeira, já que a roça é dispendiosa, destaca.

Acompanha a caravana como fã, e gosta de cantar, mas não toca instrumento.

O grupo é uma família, diz, a “família chão moiado”.

“Maria de Valadares” também estava na mesa. Ela é mãe de um cantor que integra a caravana. Outro integrante, José, cumprimenta Breguete durante a entrevista.

A música sertaneja para ela tem que falar da roça, pois da cidade não pode falar. Quem trabalha na roça enfrenta sol e chuva e continua trabalhando, dando até o sangue por aquela terra, destaca dona Breguete. Cita músicas do nortista Luiz Gonzaga.

Gosta dos artistas atuais com músicas românticas, que misturam pagode, forró e outros estilos. Cita a dupla raiz “Tonico e Tinoco”, as duplas modernas “Zezé di Camargo e Luciano” e “Bruno e Marrone”. Observa que a “Lambada”, um ritmo surgido na década de 1990, “surgiu e acabou e hoje o que se vê é o sertanejo: cadê a lambada?” “O forró continua, o samba continua...” completa. Possui discos de vinil, os long players (LP's) de “Roberto Carlos”, “José Augusto” e “Fagner”. Lembra-se ainda de “Dominguinhos”.

Gosta de músicas alegres e românticas; “música triste, tô fora!”. Tem que ter sanfona, triângulo e viola. Cita a dupla de garotos revelados no programa de calouros da rede bandeirantes de televisão, os primos “Maic e Lian”, que cantam músicas de Tião Carreiro, tocando viola, música raiz destaca.

A viola esta em destaque atualmente, porém não conhece ninguém em Juiz de Fora que toque na caravana, onde encontramos mais o violão.

Descreve que ouve rádio o dia inteiro. Deixa ligado na Panorama, dia e noite, enquanto executa as tarefas domésticas. Ouvir CD's dá trabalho, explica, tem de ficar trocando de cd, pois o seu aparelho não toca mais de um CD.

Para dona Breguete não tem hora pra música, qualquer hora é hora e qualquer dia é dia, desde que não seja funk.

No meio da entrevista apresenta um seu amigo, que se aproxima da mesa em

que estamos, como poeta.

Gosta de violão e de sanfona. Não teve estudo, aponta antes de sermos interrompidos. Dona Aparecida me cumprimenta e um integrante me pergunta se eu trabalho em alguma rádio. Dona Breguete explica que vou me formar e que é um trabalho de final de curso.

Usam muito *playback*, mas fazer o que né, destaca. Descreve dois músicos que trazem seus instrumentos. “Em barzinho a gente vê instrumento...”.

A amizade no grupo é forte demais, confirma. Ouve também o programa sertanejo na rádio “Carinho 101,1 FM”, uma rádio comunitária que toca o estilo sertanejo durante todo o tempo.

“O pessoal da caravana é muito religioso, principalmente com relação a nossa mãe Nossa Senhora Aparecida”, confirma. Conhece a dupla “Santiago e Santarém”. Eles cantam desde os oito anos de idade.

Destaca que algumas pessoas choram na oração das 18h, na festa. “Tem gente, muita gente, que recebe cura”, destaca. Compara a caravana à missa do padre Marcelo Rossi, de quem gosta muito. Afirma ter ido em quatro ocasiões assistir à sua celebração, em São Paulo. A música do padre gravada com a dupla “Bruno e Marrone” sempre é tocada na rádio. “Fala de Nossa Senhora, nossa mãe”.

O grupo é uma família, todos se ajudam. “Quando o menino Dener canta, a gente ajuda com o que pode”. Seu avô faleceu recentemente e a mãe tem uma doença nas mãos que a impede de trabalhar. Quem pode ajudar compra uma roupa, uma bota.

O público é visto por Breguete como heterogêneo com pessoas de diversas faixas etárias como as duplas entre as quais encontramos crianças e adolescentes. Tem jovens e pessoas de toda cor e raça.

“Gil Carlos é um chão moiado, tudo de bom que você pensar é Gil Carlos”, afirma com satisfação. O fato de trabalhar no Samu o aproxima das pessoas. “Dá papo pro preto pro branco pro azul pro vermelho...” Ele adora as criancinhas. Antes ele vinha no ônibus da caravana e deixava seu carro estacionado, agora está namorando então tem que aproveitar enquanto dura...

Quando perguntada sobre as duplas da caravana, afirma que gosta de todos

eles. Mas gosta muito do “Santiago e Santarém”. Gosta especialmente das músicas de “Doquinha”, o caminhoneiro, de “Toni Batista”, entre outros.

Não tem CD de nenhuma dupla por uma questão financeira. “Vou sempre dura nas caravanas”. Comprou o primeiro CD da coletânea de Gil Carlos, a “Chão Moiado”, uma coletânea de músicas que ele gosta e monta. Dez reais é uma quantia considerável para dona Breguette. Aposentada, nunca bate o dia em que ela recebe com o dia da caravana, então nunca tem dinheiro sobrando. Às vezes não tem dinheiro e não tem de onde tirar. As despesas apertam, cita o aluguel, a água, luz, IPTU... E ela só recebe um salário mínimo. Mora sozinha e Deus, afirma. Separou-se do pai dos seus filhos que ficou com eles no Rio de Janeiro, onde morava antes de vir para Juiz de Fora.

Outra entrevistada foi a dona Leci, moradora do bairro Olavo Costa em Juiz de Fora. Leci afirma que seu pai tocava viola na antiga radio V3, agora Solar AM. Tem agora 88 anos e pega na viola só de vez em quando. Destaca que sua filha canta samba e ela escreve samba enredo também. Nasceu na cidade de Juiz de Fora, mas se lembra dos bailes na casa do Juca, atual prefeito de Santa Bárbara do Monte Verde, descreve. Não aprendeu a tocar viola e sua filha toca pandeiro. Lembra-se de que já dançou em bailes em Matias Barbosa.

Quanto aos cantores de que se lembrava citou a dupla “Tinoco e Tinoquinho”, “Eduardo Costa” e “Sérgio Reis”. Destacou que hoje o sertanejo está ganhando.

Outra integrante responde junto, a “Maria de Valadares”. Diz que seu sonho é fazer um aniversário com a folia de reis, antes de morrer. Lembra da dança da Congada, encontrada em Aparecida, interior de São Paulo. Mas Juiz de Fora não possui esta tradição, lamenta. Canta a música “Mazurca”, bastante antiga. O filho da Maria canta na caravana, mas não estava presente, pois estava com vergonha porque esteve preso por acusação de não pagar a pensão alimentícia ao filho, mas a patroa provou que ele estava em dia com os pagamentos. Gil Carlos acompanhou a D. Maria até o presídio na ocasião.

Gosto de violão, mas da sanfona também, afirma e cita a dupla “Teodoro e Sampaio” que utiliza muito esse instrumento. Cantaram a música “Luar do Sertão” de “Tonico e Tinoco”. Entre as músicas românticas gosta das gravadas pela dupla “Leandro e Leonardo”. Canta a música “Vem cá morena”, que considera bonita.

Maria de Valadares já trabalhou num circo e já cantou em quase todas as boates de Juiz de Fora, como afirmou. Conta que cantava músicas de Roberto Willians, WaldiK Soriano, mas sua paixão era a música sertaneja.

Maria de Valadares lembra de sua vida no interior. Lembra com nostalgia de quando fazia angu com milho socado no pilão. Antigamente as pessoas iam fazer compras e chegavam no outro dia em casa, pois ficavam tomando cachaça e cantando calango na venda a noite toda, “era bonito né...” “Minha mãe ia pra bica lavar roupa e cantava uma cantiga. Forno era no buraco do cupim”.

No meio da entrevista, Leci canta a música “majestade sabiá”, da qual diz gostar muito.

As mulheres entendem que a música sertaneja mudou muito. O teclado é o símbolo da tecnologia. Não usam muito mais a viola e a sanfona. Um pandeiro e uma sanfona tocavam a noite inteira, comentam. “O *playback* trás tudo prontinho”.

Breguete se lembra de uma música: “Sete Palavras”, gravada por “Pedro Bento e Zé da Estrada” que conta a vida de Jesus. Cita que esta música estava gravada em um pequeno disco que ganhou no qual cabiam seis músicas.

Tem música que mexe com a gente, diz Leci. “A ‘majestade sabiá’ mexe com a gente”, enfatiza. Lembra da dupla “Milionário e José Rico”, que cantam músicas românticas. “Teodoro e Sampaio” cantam forró, lembra. Gostava de ouvir as músicas de “Dalvan” antes de ele se tornar evangélico.

“Música sertaneja mesmo é a raiz aquela lá do sertão, caipira”. Canta “Paloma”. A música é lenta. Cito “Maic e Lian” e elas consideram a diferença muito grande. “Zezé di Camargo e Luciano” não chegariam nem aos pés de “Tonico e Tinoco”, exemplificam. O único que se aproximaria seria o cantor “Sérgio Reis”, segundo dona Maria de Valadares.

Leci diz que, além da música sertaneja gosta da música evangélica. Ela tira muita coisa ruim, pensamento ruim, explica. Já teve depressão, vontade de beber e de vomitar. A música às vezes fala aquilo que você está vivendo naquele momento, diz. Ela se sente bem ao ouvir, além da música sertaneja, a música evangélica. Descreveu uma situação em que uma música que ouviu lhe dizia ao momento difícil em que vivia. Teria achado um CD no lixo e levou-o pra casa, então encontrou a música que cantou

durante a entrevista.

Quando está só em casa, Leci gosta de ouvir a música da dupla “Milionário e José Rico”, “Sonhei com você”, especialmente se está triste. Todas elas cantaram a música durante a entrevista. Leci lembra ainda da música “Boate Azul”, música em tom menor e muito marcante.

Dona Leci comenta que, de vez em quando, os integrantes se encontram ou mandam alô pelo programa de rádio de Gil Carlos.

Destaca a religiosidade: Gil sempre abre a caravana com a “Ave Maria” e a música “Noites Traiçoeiras”, que considera muito bonita. O grupo seria muito religioso, e carregaria por isso muitas coisas boas. Reconhece que lhe dá uma choradeira às seis horas, no momento da oração, que considera muito bonito. “Religiosidade vem da roça”, define, pois “na cidade a gente só vê sangue”, referindo-se à violência destacada pela mídia.

Maria vai pedir para ajudarem a comprar seus remédios, que ficam em cerca de cinquenta reais e ela não tem condições de pagar. Maria está com infecção nas veias devido à quimioterapia pela qual passou. Afirmou que foi às missas do padre Marcelo Rossi e entregou os rins. Pretende entregar as bengalas que está usando para ficar curada.

Gil Carlos é amado pelos integrantes da caravana. Recebe bem “da criança até o idoso”. Todas as cores, todo mundo seria igual, “preto, velho, feio ou bonito”, enfatizam.

“O Gil é uma pessoa maravilhosa, é irmão, amigo é tudo. Oro por ele. Esses meninos vem do nada, nunca tiveram uma oportunidade na vida de apresentar o trabalho deles e quem abriu essa oportunidade foi o Gil. Eles não estariam onde estão. Tem muito talento na cidade”.

Leci afirma que o horário que conseguia falar com Gil para participar por telefone do programa na rádio em que trabalhava anteriormente, era no intervalo entre as quatro e cinco horas da manhã, porque depois deste horário todo mundo acordava e congestionava a linha.

Maria gosta da dupla “Aldo e Antony”, moradores da cidade de Bias Fortes,

principalmente a música “Agüenta essa coração”. As músicas são deles, por isso gosta. Prefere os que usam a própria voz a sua personalidade. Não adianta querer imitar o outro, diz. “Doquinha” e outro cantor, compositor da música “Chupa Cabras”, usam a própria voz Mas ela não tem os seus CD's. Afirma que só comprou o CD do Alecssandro. Leci gosta do menino “Dener” e de “Doquinha”. A personalidade do menino é forte, diz. Não tem o CD porque não tinha dinheiro e por isso ainda não pode comprar.

Quanto às expectativas quanto à realização da caravana, dizem que esperam que ela se mostre um local para encontrar mais amizades, encontrar as pessoas que ouvem e participam do programa. Sentem falta de quem não pode participar e lembram da dançarina e do Lula, colegas da caravana. Hoje vieram cinco ônibus além dos carros particulares.

4. Conclusões

Esse estudo envolveu a música sertaneja e levantou a *percepção dos integrantes da “família Chão Moiado” sobre a transformação da música sertaneja e a marca que essa música deixa em sua identidade*. Focalizou as configurações da identidade contemporânea a partir da observação de uma performance musical. A pesquisa verificou que as identidades são definidas e desenhadas na performance, através da verbalização e vivência dos valores do grupo. O estudo avaliou o papel da música na construção e transformação da identidade e o reflexo das mudanças sociais nas formas assumidas por essa música nos diferentes contextos espaciais e temporais.

Cabe salientar que o estudo mostrou-se ao fim como uma oportunidade de definição de um campo de pesquisa e de um objeto etnográfico. Culmina na própria atividade etnográfica, reafirmando seu valor para a pesquisa antropológica. A pesquisa serviu de caracterização do sujeito etnográfico e de suas conclusões podem se erguer diversas pesquisas enfocando diferentes perspectivas e temáticas que só o trabalho em campo pôde levantar.

Nas entrevistas aplicadas, os integrantes da Caravana descreveram seus vínculos com o mundo rural e os vínculos da música sertaneja, mesmo a atual, com a vida no campo. Encontrou-se uma idealização de uma vida ordenada e plena de sentido

em contraposição à vida na cidade. Pode-se afirmar que os ouvintes de música romântica sertaneja vinculam esta às músicas mais antigas. Todos têm na memória os sucessos de décadas anteriores. Geralmente se referem à vida na roça durante a infância ou vinculam a música à vida rural.

A caravana de Gil Carlos se dirige ao interior, saindo do centro urbano em direção à zona rural, a pequenas cidades, onde ocorrem as festas. Este momento é considerado uma oportunidade de os ouvintes de seu programa conhecerem uma cidade do interior e a rotina do homem do campo, afirma Gil em entrevista, além de oferecer um espaço de lazer e de confraternização.

Encontramos nas visitas a campo e como fato recorrente nas entrevistas a presença de um forte espírito de grupo. Desenvolve-se uma forte amizade entre os integrantes, que se auto-ajudam, inclusive financeiramente, quando o próprio Gil Carlos pede doações do palco para pessoas que o procuram pedindo ajuda. Eles se cumprimentam com saudade ao se reencontrarem e conversam sobre as últimas viagens. O apresentador destaca que a Caravana é um momento de alegria, distração e diversão, para resgatar as pessoas da depressão e oferecer uma alternativa saudável para o domingo.

A religiosidade é forte no grupo e seria uma marca distintiva da vida rural em contraposição à vida na cidade. Os integrantes da caravana destacam o momento de oração, que ocorre sempre às seis horas da tarde na festa e também em seus programas de rádio que ocorrem neste horário. É um horário simbólico para a tradição católica, seria o horário em que Nossa Senhora de Fátima aparecia às três crianças de Fátima em Portugal e tornou-se a hora da Ave Maria. Repetem-se nas orações, tanto na festa quanto nos programas de rádio, duas ou três músicas sertanejas com temas religiosos e uma dupla da Caravana canta sua música em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, enquanto três crianças dançam uma coreografia, uma delas segurando a imagem de nossa senhora. Entre as músicas destaca-se a música gravada por “Bruno e Marrone” junto com o padre Marcelo Rossi. É um momento de grande envolvimento do público da caravana e inclusive dos outros participantes da festa oriundos da cidade ou da região onde acontece o evento. Na oração, o apresentador enfatiza o poder desse momento na cura de enfermidades e cita alguns exemplos na caravana.

É o momento de exaltação dos valores do homem do campo em contraposição à vida na cidade. Nesta última existem as drogas e a bebida e a vida é desregrada, destaca na apresentação. “A juventude está perdida e não acredita mais em Deus”, reza no palco. Observa-se uma forte idealização da vida no campo, dos valores do passado nesse momento. É a fuga de uma vida sem um sentido totalizante, enfrentada na cidade. A vida na roça é idealizada como uma vida plena, em harmonia com a natureza e mais próxima de Deus. Na sociedade pós-moderna, nenhuma instituição dá o sentido pleno que em alguns momentos da história, a religião institucional fornecia. Na sociedade contemporânea existem várias instituições que concorrem para dar sentido à existência, mas que só contemplam alguma das esferas em que a vida moderna se dividiu e se autonomizou (econômica, política, social, religiosa, etc.). Mas, se a “religião de igreja” perdeu seu poder, a religiosidade dos fiéis é forte e é encontrada em novos lugares como na caravana.

A festa é um momento de marcar distinções do espaço urbano, transcendendo o bairro ou a pequena cidade, locais da festa, na busca laços do que há de marcante na identidade musical. Um mundo rural é idealizado e revivido na festa, *locus* de encontro da "família chão moiado". A performance musical reconfigura e atualiza a cultura do grupo e a música é tratada como uma forma privilegiada de linguagem e comunicação desta cultura. Os participantes buscam vínculos de amizade e transformam o espaço público em casa pela dimensão afetiva. A formação de uma “família”, como fazem questão de enfatizar, restabelece os vínculos pessoais antes restritos à casa. O conflito latente é a negação da vida urbana e da rua, numa busca de estabelecer vínculos pessoais e afetivos contra a rua fria da cidade que ignora a pessoa. A família de uma entrevistada passava por dificuldades. Com o marido doente e o filho dando trabalho, a caravana era naquele momento uma fuga da família real, cheia de conflitos e problemas. Ali se encontram pessoas amigas alegres e animadas prontas a conversar para um desabafo. Em uma ocasião uma participante ainda no ônibus desabafou sua tristeza pela morte de sua irmã naquela semana, dias atrás. Afirmou que se não saísse de casa, não viesse à caravana iria ficar deprimida.

Apesar de a pesquisa não se debruçar sobre as letras destas canções, vale mencionar que ela atualmente volta-se predominantemente para os conflitos amorosos individuais, num reflexo dessa introjeção do sentido da existência, sentido este que não

é oferecido por nenhuma instituição na vida social. As pessoas se identificam com as letras, na medida em que elas reforçam o individualismo. Ao mesmo tempo e num movimento contrário, a participação na caravana configurar-se-ia na busca de construção e fortalecimento de uma configuração identitária comum. As canções com letras que se referem ao campo remetem a um passado idealizado, uma vida de trabalho, de honra e valores respeitados pelo homem da roça, que não possui estudos, mas tem dignidade. Seria uma idealização de uma vida plena de sentido, sem nenhum dos problemas que seriam exclusivos da cidade. Outras músicas têm em sua letra uma exaltação da alegria e da festa, um convite a aproveitar a vida.

A modernização das relações sociais, provocadas pelo êxodo das populações rurais e a aceleração da urbanização modificavam a cultura dos moradores da periferia das grandes cidades oriundos do campo. As pessoas que se viram impelidas a deixar a zona rural para enfrentar a cidade reinventaram suas formas de lazer no novo ambiente como, por exemplo, o circo que foi durante várias décadas o local privilegiado de divulgação das novas duplas sertanejas. A “cidade grande” possui formas modernas de convívio social. A impessoalidade impera, a rua domina a casa. A caravana pode configurar-se como uma fuga dessa “vida tumultuada da cidade”, um “programa de índio”, como definiu uma das entrevistadas. Um momento de diversão para resgatar as pessoas da depressão durante o evento, como destaca Gil Carlos. Cabe também a defesa de que a festa seria um *locus* de questionamento da estrutura moderna de relações impessoais.

Projeta-se no passado um mundo ideal e uma vida plena de sentido, uma cultura autêntica. A vida urbana distancia os vizinhos e desenvolve relações sociais superficiais e laços frouxos entre as pessoas. A música sertaneja responde de modo especial a este sentimento de nostalgia. Mesmo com as transformações sofridas por este estilo musical, desde suas primeiras gravações, atualmente a música modernizada e romântica guardaria vínculos com o estilo de vida idealizado pelos seus fãs.

Destaca-se a necessidade de afirmar uma forma ideal de relacionamento social contraposto à realidade vivida. A Caravana é a família ideal, e celebra um mundo rural idealizado. Este é lembrado nas entrevistas como um mundo de privações, pelas quais o entrevistado passou durante a infância, quando a cidade era o símbolo de esperança. Mesmo quando o entrevistado reconhece essa situação considera aquele mundo como

melhor que o atual, pois consideram que “a cidade é violenta e precisa de Deus”.

5. Referências

CALDAS, W. *Acorde na aurora: música sertaneja e indústria cultural*. 1. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977. 166 p.

_____. *O que é música sertaneja*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1. 84 p.

CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. 9. ed. São Paulo: Editora 34, 2001. 376 p.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. 283p.

FRANÇA, J. L. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 242 p. (Aprender).

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. 323 p.

HIKIJ, R. S. G. Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 155-184, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a08v1124.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2007.

_____. Música para matar o tempo: intervalo, suspensão e imersão. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 151-178, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v12n1/a06v12n1.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2007.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARTÍ, J. Ser hombre o ser mujer a través de la música: una encuesta a jóvenes de Barcelona. *Horizontes Antropológicos: música e sociedade*, Porto Alegre, ano 5, n. 11, p. 29-51, out. 1999.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974. 2v.

PINTO, T. de O. Som e música: questões de uma antropologia sonora. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 221-286, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n1/5345.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2006.

SANTOS, E. I. dos. *Música caipira e música sertaneja: classificações e discursos sobre autenticidade na perspectiva de críticos e artistas*. 2005. 110f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. 218p.

SAPIR, E. Cultura autêntica e espúria. In: PIERSON, D. (Org.) *Estudos de organização social*. 2. ed. São Paulo: Martins, 1970. p. 282- 311.

TINHORÃO, J. R. *Cultura popular: temas e questões*. São Paulo: Editora 34, 2001.

TURINO, T. Estrutura, contexto e estratégia na etnografia musical. *Horizontes Antropológicos: música e sociedade*, Porto Alegre, ano 5, n. 11, p. 13-28, out. 1999.

VIANNA, H. *O mundo funk carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. 124p.